

A GLOBALIZAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Islana de Oliveira Silva¹
Marta Íris Camargo Messias²
Rosineide Pereira Mubarack Garcia³

RESUMO: *O presente ensaio busca reunir elementos que nos possibilitem traçar um entendimento acerca do fenômeno da globalização e suas implicações no campo da educação, tendo como eixo de análise algumas questões, tais como: a imbricação das relações capitalistas na sociedade globalizada; os processos de inclusão excludente, gerados a partir dessas relações que se manifestam, inclusive, através de políticas públicas no campo educacional; e as possibilidades e perspectivas de superação em frente das atuais configurações sociais.*

Palavras-chave: Globalização; Educação; Inclusão-exclusão

Partimos do diálogo com alguns autores⁴ que se debruçam sobre a questão da globalização, considerando que este processo vai além das fronteiras de internacionalização da economia e ultrapassa os limites geográficos e políticos, expandindo atividades e interesses nacionais em nível global, envolvendo não apenas a circulação de mercadorias de capitais, informações, tecnologias, bens, serviços etc., mas também a dimensão da ideologia, cultura etc.

Entendemos que o cenário social globalizado é caracterizado pela fluidez de fronteiras tanto econômicas, quanto políticas, sócio-históricas, ecológicas e culturais. Trata-se de uma desterritorialização dos contextos nacionais em detrimento da confecção de um sistema global que se interpõe transnacionalizado, marcado pelo intercambiamento e pela lógica mercadológica de consumo. Neste contexto, o binômio tempo-espaço encontra-se redimensionado em frente da base material e tecnológica que já temos e que vem sendo produzida. No mundo contemporâneo, uma nova organização social vem sendo gestada com base em processos maquínicos, possibilitando um conhecimento acelerado dos acontecimentos das mais diversas partes do mundo, bem como redimensionando os espaços físicos por meio da planetarização do território⁵ e da relação homem-máquina.

Para Santos (2000), a globalização é o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista e, segundo ele, para entendermos tal fenômeno, devemos levar em consideração dois elementos fundamentais: o estado das técnicas e o estado da política. Não no sentido de separá-las, o que não seria possível, uma vez que a história é feita por meio das técnicas que são oferecidas como um sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso.

Neste contexto, o capitalismo pode ser dividido em períodos e um período sucede o outro e estes são antecidos e sucedidos por crises, que significam os momentos em que a ordem

¹ Mestranda em Educação – FACED/UFBA - ланаoli@yahoo.com.br.

² Doutoranda em Educação – FACED/UFBA - jamaicatreze@yahoo.com.br.

³ Doutoranda em Educação – FACED/UFBA – rose.mubarack@terra.com.br.

⁴ Como: SANTOS, 2000, 2001; FRIGOTTO, 1995, 1998; LASTRES & ALBAGLI, 1999.

⁵ Segundo Serpa (2004, p. 147), esta planetarização do território foi proporcionada pela estrutura da rede característica das tecnologias contemporâneas, em que o espaço ficou sincronizado e o tempo totalizado espacialmente.

estabelecida entre as variáveis, mediante uma organização é comprometida. Porém, o momento histórico que vivemos atualmente foge a esta regra, pois é, ao mesmo tempo, um período e uma crise: como período, pois suas variantes características se estabelecem em toda parte, influenciando tudo, direta ou indiretamente a chamada globalização; como uma crise, porque as mesmas variantes instituídas do sistema encontram-se constantemente em choque, fazendo exigências de novas configurações. (SANTOS, 2000)

Santos (2000) nos convida a pensar o fenômeno da globalização a partir de três dimensões: a globalização como fábula; a globalização como perversidade e a globalização como possibilidade, esta será apresentada no item - Repensando a educação: possibilidades e perspectivas, a ser apresentado no decorrer deste texto.

- 1) A globalização como fábula: seria a máquina ideológica que sustenta as ações da atualidade, sendo feita de peças que se alimentam mutuamente e põem em movimento os elementos essenciais à continuidade do sistema. É como se o mundo houvesse se tornado para todos ao alcance das mãos, onde um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta, desconsiderando a complexidade das diferenças locais, enquanto isso o culto ao consumo é estimulado. Fala-se da morte do estado, mas na verdade o que vemos é o fortalecimento do mesmo, em prol de atender aos grandes interesses internacionais em detrimento de cumprir seu papel de atender as populações cuja vida se torna mais difícil a cada dia.
- 2) A globalização como perversidade: para maior parte da humanidade a globalização, está se impondo como uma fábrica de perversidades, em que o desemprego cresce e torna-se crônico; a pobreza aumenta; o salário médio tende a baixar; as classes médias perdem a qualidade de vida; novas enfermidades, como a AIDS, instalam-se junto ao retorno de velhas doenças; a mortalidade infantil permanece frente ao progresso da medicina; a educação de qualidade é cada vez menos acessível, alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais como o egoísmo, o cinismo e a corrupção.

Para Lastres e Albagli (1999, p. 11-12), os principais elementos catalizadores do processo de globalização, no final do século XX, são dois: o primeiro é a adesão de um grupo de países a políticas (neo)liberais e o outro, a ampla difusão das tecnologias de informação e comunicação.

A globalização é vista como reforçando o caráter cumulativo das vantagens competitivas dos grandes conglomerados, que vêm instalando redes de informação mundiais internas através das quais podem articular as atividades de financiamento, administração, P & D, produção e marketing em escala global. (LASTRES & ALBAGLI, 1999, 13-14).

O avanço das tecnologias da comunicação e da informação tem potencializado uma aceleração no ritmo nos processos sociais, elevando a velocidade de comunicação, veiculação e produção da informação - que se configura hoje como uma das mais disputadas mercadorias e pela qual se dão os principais conflitos entre os grupos sociais. A informação diante deste sistema globalizado serve antes como poder para quem detém as informações do que para ampliar o conhecimento da humanidade. Neste sentido, a globalização é um processo de garantia de que quem tem mais sempre estará nesta situação de favorecimento e quem tem menos terá cada vez menos até que não tenha nada.

Nesta perspectiva, vale questionarmos que tipo de interesses, valores, informações, conhecimentos e tecnologias estão efetivamente sendo globalizados? Que tipo de sociedade está sendo privilegiada? A globalização inclui quem e para quê? Quais os impactos da globalização na educação brasileira? Como a Universidade se coloca diante do processo acelerado de produção de conhecimento para fins de mercado? Quais as possibilidades e perspectivas de superação deste momento globalizante na educação?

Na tentativa de discutirmos tais questões, percebemos que o surgimento da globalização pode estar associado às forças produtivas em uma alternativa de revigorar as relações capitalistas das mercadorias que concentram o trabalho social explorado e pela hegemonia do capital-financeiro. Se, por um lado, existe um grupo de países desejosos em promoverem sua auto-regulação política e econômica, ampliando seus produtos para um comércio que se configura num plano global, por outro, existe uma força de mercado que impulsiona e dita as regras de um padrão sócio-político-econômico de um imperialismo global, restando aos países “desejosos” a aceitação incondicional das forças em escala global. Para Frigotto:

A globalização do capitalismo atual significar (sic), no plano histórico, uma exacerbação dos processos de exploração e alienação e de todas as formas de exclusão e violência, produção de desertos econômicos e humanos, os conceitos de pós-industrial, pós-classista, pós-moderno, sociedade do conhecimento, surgimento do cognitariado, dão a entender que estrutura de exploração capitalista foi superada, sem que se tenha superado as relações capitalistas. (1995, p.81)

Nesse sentido, o fenômeno da globalização vem contagiando os mais diversos segmentos da sociedade, principalmente, os que possuem interesses na hegemonia do capital financeiro, conseqüentemente, gerando um processo de monetarização da sociedade de aparência irreversível que, para Santos (2000), é denominado de tirania do dinheiro. Trata-se da ênfase que vem sendo dada ao aspecto econômico/financeiro, o qual passou a servir de base reguladora do desenvolvimento dos países, submetendo-os a um jogo de mercado num nível global. Daí, o poder que instâncias como: Banco Mundial, FMI, dentre outras, estão assumindo no cenário social contemporâneo, impingindo as diretrizes no mundo globalizado e onde, não obstante o pilar das políticas educacionais brasileiras, é incluído, uma vez que são necessárias pessoas que sustentem com a força do seu trabalho a base do ideário (neo)liberal, implantado no Brasil desde o golpe militar e evidenciado ainda na década de 90.

Percebemos que as regras do mercado-financeiro vêm articulando as propostas de política de educação básica, formação técnico-profissional e de qualificação na perspectiva das habilidades e competências para a empregabilidade, reforçando uma ideologia capitalista de natureza fordista ou pós-fordista, legitimando a exclusão social.

IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO: UM PROCESSO DE INCLUSÃO EXCLUDENTE

Na trama do mundo globalizado, a questão da educação aparece como mais um dos fios componentes desta complexa tessitura, sendo articuladamente englobado ao plano de consolidação do capitalismo neoliberal em dimensões cada vez mais abrangentes.

As configurações assumidas pelo capitalismo na contemporaneidade se traduzem numa organização social caracterizada pelo incentivo à acumulação desmesurada do capital, fundada na lógica do mercado livre em suas proporções globais e substanciada pela emergente revolução

tecnológica, o que vem exigindo um novo perfil de mão-de-obra qualificada a fim de que se possam atender às demandas do mercado.

O discurso pedagógico se reveste num enunciado legitimador da preparação e adequação dessa mão-de-obra qualificada por meio da promoção de uma formação geral e profissional. Neste sentido, os debates na área educacional situam a qualidade de ensino na articulação do papel da escola diante das emergentes exigências do capitalismo global, o qual substancia a produção das políticas públicas de educação.

O Banco Mundial, nos anos 60, associado às políticas de financiamento, enfatiza a necessidade da criação de padrões de eficiência nos sistemas e na gestão dos recursos financeiros, onde o sistema educacional brasileiro criou leis e diretrizes que garantiram uma educação básica pautada na formação técnico-profissional e de qualificação, definindo novos princípios e diretrizes dos financiamentos, das políticas de créditos e de assistência à educação para os países do Terceiro Mundo.

O ensino profissional passou a ser prioridade no campo educacional e, nos anos setenta, surgem várias escolas técnicas e agrícolas federais em todo o Brasil. As políticas de financiamento são voltadas diretamente para a formação de mão-de-obra qualificada, especialmente para os setores industriais e agrícolas e orientadas para a exportação. “*O ensino profissional é enfatizado como meio indireto de promover a participação das massas ao desenvolvimento, através do aumento de sua produtividade*” (FONSECA, 1995, p. 170-171).

Atualmente, o texto da Lei que rege as disposições gerais sobre a Educação Básica no Brasil ainda ressalta a integração da educação e a qualificação para o trabalho. O artigo 22 da Lei nº 9.394/96 explicita: “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (SOUZA e SILVA, 1997, p.38).

Pode-se supor que é falso ou uma ilusão, e igualmente uma desonestidade, atribuir-se à educação básica formação técnica-profissional e aos processos de qualificação e requalificação orientados pelo Banco Mundial, um peso unilateral da inserção de nossa sociedade no processo de globalização e reestruturação produtiva e, sobretudo como tábua de salvação para os que ‘correm risco de desemprego’ ou para os desempregados. (FRIGOTTO, 1998, p. 48)

Durante três décadas, o sistema educacional brasileiro constituiu uma educação voltada exclusivamente para à formação técnico-profissional em prol da produção econômica e dos interesses do mercado internacional, oferecendo mão-de-obra qualificada e barata para as empresas multinacionais que se proliferavam no Brasil, através dos Pólos Petroquímicos. Em nenhum momento, foi pensada a dimensão da existência humana e das reais condições políticas e educacionais que pudessem oferecer condições de igualdade e oportunidade de desenvolvimento social e econômico.

“Trata-se de entender a formação humana no contexto da reestruturação produtiva e globalização excludente, da dramática crise estrutural do trabalho assalariado que produz esterilização de vidas numa ‘existência provisória sem prazo’ e, portanto, das novas formas de alienação do trabalho.” (FRIGOTTO, 1998, p. 25-26).

A tentativa de inclusão social das políticas dos bancos internacionais para o Terceiro Mundo era e, ainda, continua sendo o de incluir o Brasil cada vez mais no grupo de países em longínquo desenvolvimento ao processo de globalização, quando não permite a autonomia de gestão do sistema educacional.

A lógica de inclusão forjada no âmbito do capitalismo global gera, por outro lado, a exclusão de indivíduos e de grupos humanos, através de um processo de exacerbação do consumo e de alienação de sua própria cultura, em nome de uma nova ordem social e cultura hegemônica. Trata-se uma inclusão excludente, pois prevê não somente a incorporação do indivíduo ou grupo humano a um modelo social, econômico e cultural já definido, mas também a inculcação ideológica, de valores e da cultura do grupo dominante como se esses fossem únicos. Desse modo, o capitalismo global traz como pilares de sustentação para o campo da educação as suas máximas, ou seja, a competitividade, o individualismo, a formação dual (ricos X pobres; público X privada).

REPENSANDO A EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS.

Na tentativa de dialogarmos com as possibilidades e perspectivas de repensar a educação, trazemos a terceira dimensão de Santos (2000) na compreensão da globalização tratada por ele como “o mundo como pode ser - uma outra globalização”. O autor aponta para construção de uma outra globalização mais humana, onde a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento que são as bases técnicas, onde o capital se apóia para construir a globalização perversa, mas estas mesmas bases poderão servir a outros objetivos, se forem postos a serviço de outros fundamentos sociais e políticos.

Nesta perspectiva, faz-se necessário enfrentar os desafios na tentativa de superá-los. Dentre esses, elencamos:

- reformar a política de incentivo na produção e comércio de novos e antigos bens e serviços, estimulando e financiando o desenvolvimento de atividades nacionais;
- discutir questões éticas, políticas, sociais, educacionais e jurídicas, privilegiando os interesses da população local, concomitantemente, com a dimensão global;
- rever as políticas de educação, priorizando as necessidades educacionais regionais e nacionais;
- romper com a subordinação de políticas nacionais para prestigiar interesses de políticas internacionais;
- aprimorar as normas e modos de geração, acesso, fluxo e disseminação de práticas culturais e educacionais;
- enfim, fazer política e práticas que possa garantir uma oportunidade de educação efetivamente inclusiva, possibilitando a criação de alternativas de auto-sustentabilidade sócio-econômica; a promoção de um cenário promotor de oportunidades igualitárias para todos os segmentos da sociedade.

A inserção e o desenvolvimento cada vez mais forte das tecnologias da comunicação e informação no mundo social vêm, também, introduzindo novos elementos que corroboram na configuração da atualidade. Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que essas tecnologias de comunicação e informação têm servido de base material e ideológica para a proliferação de uma globalização perversa, marcada pela lógica capitalista, elas possibilitam também a disseminação de novos arranjos sociais, com a retomada da multiplicidade dos grupos humanos. A estrutura horizontal da rede característica das tecnologias contemporâneas apresenta uma potencialidade que permite uma conexão e intercambiamento entre os diversos grupos humanos, abrindo espaço para participação destes, não como meros consumidores de produtos, mas também como produtores de conhecimento – moeda atual:

[...] Esse processo social des-constrói a inclusão, porque todos os grupos humanos serão produtores e consumidores de conhecimento. O Outro e o Eu conviverão no entre-lugar das suas culturas e formas de vida, no interior do território planetarizado. Não mais haverá uma Grande Narrativa para legitimar hegemonias universais, o que exigirá uma nova educação. (SERPA, 2004, p. 156)

Para Santos (2000), gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada; o que parece ser uma fraqueza na realidade é uma força. É deste modo que, gerada de dentro, essa cultura endógena impõe-se como um alimento da política dos pobres, que se dá independentemente e acima dos partidos políticos e das organizações.

Ainda vivemos num mundo impregnado pela verticalidade e por valores modernos capitalistas, entretanto sinais indicativos de que estamos entrando numa nova fase histórica começam a aparecer e a demonstrar que a superação desse modelo social instituído não se dará pela substituição por uma outra racionalidade hegemônica, mas sim pela nossa capacidade de indignação e contestação interna de pôr em questionamento as instituições e as ideologias mantenedoras desta lógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso esforço em analisar as problemáticas relacionadas ao atual contexto globalizado e suas implicações na educação não teve a pretensão de resolvê-las, mas, sim, de fomentá-las e evidenciar a tensão existente entre dois movimentos, aparentemente contrários, mas que co-habitam no contexto social: o primeiro refere-se ao fenômeno da globalização e seus interesses políticos e econômicos, e o segundo, à visibilidade cada vez maior que os movimentos dos diversos grupos sociais não-hegemônicos vêm conquistando nas últimas décadas.

Necessitamos que uma nova educação seja (re)construída, e esta precisa ter a compreensão dos diferentes interesses dos movimentos sociais. Tão importante quanto formar indivíduos com competências e habilidades específicas para viver no mundo globalizado é oportunizar o desenvolvimento da sensibilidade destes, tornando-os capazes de conviver com a multiplicidade, com as diferenças e com a instabilidade do mundo contemporâneo.

Entendemos que, neste sentido, a universidade tem um importante papel de repensar a sua produção de conhecimento e de re-significar valores em prol do desenvolvimento da humanidade, onde o seu olhar deixe de ser apenas para as necessidades do mercado, mas que consiga gerar conhecimentos que colaborem na resolução e respostas aos anseios da população, bem como apontar caminhos para superações de problemáticas sociais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fábio G. S. Tempos críticos para a educação: os desafios da "globalização" e as alternativas tecnológicas. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 15., 2001. **Anais eletrônicos**. São Luís: UFMA, 2001. 1 CD-ROM.

FONSECA, Marília. O banco mundial e a educação: reflexões sobre o caso brasileiro. In: GENTILI, Pablo. *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. Cap. 6, p.169-195.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. Cap. 1, p.25-54.

FRIGOTTO, Gaudêncio (org). Os delírios da razão: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional. In: GENTILI, Pablo. **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. Cap. 3, p.77-108.

LASTRES, Helena M. M.; ALBAGLI, Sarita (org's). Chaves para o Terceiro Milênio na era do conhecimento. In: **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999, p.7-26.

SOUZA, Paulo N. P.; SILVA, Eurides B. da. **Como entender e aplicar a nova LDB: lei nº. 9.394/96**. São Paulo: Pioneira, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**, 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Território e sociedade: entrevista com Milton Santos**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SERPA, Felipe. **Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa**. Salvador: EDUFBA, 2004.